

Iglesias encerra reunião anual elogiando apoio do Japão à América Latina

A América Latina obteve reconhecimento e apoio tanto de credores do setor público quanto do setor privado, em sua luta histórica pela reforma de sua economia, debilitada pelo acúmulo de dívidas e inflação. Essa declaração foi feita ontem pelo presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, no encerramento da 32ª Assembléia Anual da organização, realizada em Nagoya (Japão).

Em seu discurso, Iglesias agradeceu especialmente à promessa do Japão de fazer contribuições financeiras ao Fundo de Investimento Multilateral (MIF, sigla em inglês), novo canal proposto em junho do ano passado pelos Estados Unidos para promover o investimento no setor privado da América Latina como parte do programa Iniciativa para as Américas.

Depois, manifestou, em entrevista coletiva, sua confiança no sentido de que a atitude do Japão venha "a estimular o apoio de outros países membros."

O ministro das Finanças do Japão, Ryutaro Hashimoto, prometeu durante a assembléia "uma quantia adequada" ao Fundo, sem no entanto mencionar qualquer soma específica.

O programa do presidente Bush propõe a concessão anual pelos Estados Unidos, o Japão e a Europa de um total de US\$ 300 milhões — US\$ 100 milhões para cada um — nos próximos cinco anos, numa tentativa de impulsionar o setor privado da América Latina. Os europeus não se mostram dispostos a apoiar o programa norte-americano.

O encontro de três dias foi o primeiro evento do gênero a realizar-se na Ásia, e foi bem sucedido por ter aberto o caminho ao diálogo entre as diferentes partes, disse Iglesias em seu discurso.

Embora a reunião dos diretores não tenha resultado na esperada expansão do papel do BID no apoio ao setor privado da América Latina, foi unânime a decisão de que o banco deve continuar suas atuais políticas de empréstimos.

Os representantes do banco consideraram o encontro anual um sucesso, já que receberam o apoio de seus países-membros para seu trabalho no desenvolvimento da América Latina e do Caribe.

"O encontro transcorreu com tranquilidade, sem grandes surpresas e desapontamentos", disse Carlos Brezina, assessor de imprensa da instituição. "O consenso é que o banco agora é uma instituição normal, e todos estão felizes com a forma como ele opera."

Iglesias também observou o papel fortalecido do banco como um intermediário entre países com necessidades específicas e os



Enrique Iglesias

investidores que podem ajudá-los.

PERU

O mais importante, disse ele, foi a retomada do diálogo entre o Peru e seus credores, assinalando o primeiro passo para que o país volte a fazer parte da comunidade financeira internacional. O afluxo de capitais para o Peru cessou depois de o país ter decidido limitar estritamente os pagamentos de sua dívida externa e dos serviços da dívida, no final dos anos 80.

Durante o encontro, instituições multilaterais de financiamento e países credores concordaram em tentar encontrar meios de ajudar o Peru em sua tentativa de reabrir o fluxo de capitais.

CRÉDITO AO BRASIL

Iglesias observou também que tiveram início "conversações muito construtivas e positivas" entre o Brasil, o mais endividado dos países em desenvolvimento, e os países credores, durante o encontro.

Recebeu como auspiciosa a notícia, proveniente de Nova York, de que o Brasil e seus credores bancários haviam concordado, na segunda-feira, em renegociar o pagamento de atrasados da dívida no valor de US\$ 8 bilhões. Em face dessa notícia, Iglesias previu reconsideração "imediata" de um empréstimo de US\$ 350 milhões do BID ao Brasil, crédito esse que estava suspenso.

Iglesias prometeu que o BID vai examinar os pedidos de países como o Japão e os países europeus, membros não regionais da entidade, no sentido de conceder-lhes mais cotas de votos. Os resultados, disse, deverão ser anunciados perante a próxima assembléia anual do BID, em Santo Domingo, na República Dominicana.

(AP/Dow Jones — UPI)